



# IPO DO PORTO CORTA NO APOIO A DOENTES INFÉRTEIS

Catarina Guerreiro

Doentes que correm o risco de ficar inférteis com a quimioterapia deixam de ter congelação de esperma paga pelo Estado. Direcção do IPO admite que a recolha e o armazenamento gratuitos eram uma prática comum no hospital, mas alega que não tinha base legal.

O Instituto Português de Oncologia (IPO) do Porto deixou de pagar, este mês, a recolha e armazenamento de esperma dos doentes que, com quimioterapia e radioterapia, correm o risco de ficar inférteis.

Na última década, o IPO disponibilizou este serviço, assumindo os custos da recolha e do congelamento. Ou seja, sempre que o médico considerava existir risco, a unidade de saúde enviava o doente para o Hospital de São João, para aqui – através do departamento de Genética da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto (FMUP) – proceder à criopreservação do esperma, pagando todos os custos.

Trata-se de uma forma de ga-

rantir que os doentes, muitos jovens, possam ter filhos, depois de sujeitos a agressivos tratamentos.

O director clínico do IPO do Porto, Machado Lopes, confirmou a nova orientação. «Assumir os custos da criopreservação do esperma era uma prática que estava instalada aqui há muitos anos e que nem sequer tinha suporte legal nem ético», explica, acrescentando que este tipo de técnica «não faz parte da função assistencial» do Serviço Nacional de Saúde.

Por isso, Machado Lopes emitiu, no início do mês, uma orientação interna a informar os médicos que o IPO deixou de suportar os custos. «A partir de agora, os novos doentes terão de pagar se quise-

rem proceder à recolha e congelamento», diz, explicando que a medida aplica-se também a todos que já tem esperma congelado: «Quando o departamento de genética questionar o nosso hospital sobre a renovação do congelamento, informamos os doentes que os custos passam a ser deles». Segundo o director clínico, as pessoas podem optar depois por continuar na FMUP ou escolher outro laboratório privado.

De acordo com a informação prestada ao SOL por algumas empresas, a recolha de esperma custa 150 euros e a sua preservação cerca de 80 euros por ano. Machado Lopes garante, aliás, que «não foram questões económicas» que ditaram o fim desta prática. Mas para Vítor Veloso, da Liga Portuguesa contra o Cancro, é mais uma medida de contenção. «Estão a tirar tudo», alerta, sublinhando que, mesmo não sendo um serviço que o hospital tenha obrigatoriedade de prestar, era um sinal de «dignidade e humanização».



Nos últimos dez anos, IPO pagou criopreservação de esperma a doentes com cancro